



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO CULTURAL

GRUPO EXPERIMENTAL DE CINEMA

Acervo Digital

Walter
da Silveira

18^o

ESPETÁCULO
DE
FILMES DE ARTE

12 de outubro de 1968 - 20,30 horas

SALÃO NOBRE DA REITORIA

"O MOSTRADOR DE SOMBRAS"

("SCHATTEN")

Ficha técnica

Realização	— Arthur Robison
Argumento	— Albin Grau
Fotografia	— Fritz-Arno Wagner
Cenografia	— Albin Grau
Interpretação	— Rudolf Klein-Rogge, Fritz Kortner, Ruth Weyer
Produção	— Defu, 1922

Americano de Chicago (25-6-1888), mas educado na Alemanha, Arthur Robison situa-se historicamente não apenas como um cineasta germânico, mas como o autor de um filme que participa, por sua linguagem, das duas tendências que dividiram e também engrandeceram a escola tedesca, o expressionismo e o *kammerspiel*: exatamente êsse *O mostrador de sombras*.

O filme é expressionista por sua iluminação e por suas sombras fantásticas. Pertence ao *kammerspiel* por seu uso das três unidades (tempo, lugar e ação), também pela renúncia na narrativa ao intercalamento de textos, de sub-títulos.

Inspirado por uma idéia de Albin Grau, o drama se passa como numa alucinação noturna. No fim, o começo de um novo dia, com sua luz natural, simboliza magnificamente a chegada da razão.

Sem ter impressionado o público de sua época, mas tão-só aos estetas do cinema, *Schatten* vem crescendo classicamente à medida em que os anos decorrem, ao contrário de outras fitas alemãs então mais valorizadas. As razões seriam diversas, entre elas a pensada por Sigfrid Kracauer em seu admirável *De Caligari a Hitler*: o retorno à razão no final de *O mostrador de sombras* poderia significar uma adaptação às formas democráticas de estilo existencial, quando a Alemanha predispuña-se ideologicamente à implantação do autoritarismo nazista, no poder anos mais tarde.

Neste filme singularíssimo, a ambiguidade das sombras revelaria, para Lotte Eisner (*L'écran demoniaque*), uma inspiração freudiana: o ilusionista, brincando com as sombras, abriria as portas aos desejos subscientes de todas as personagens recalçadas, que se põem a agir segundo as suas fantasias secretas. Fantasmagoria cheia de significação: as sombras substituem temporariamente os vivos que, durante

êsse tempo, se tornam espectadores imóveis de um destino cada vez mais alucinante.

Robison joga magistralmente com os espelhos como fonte dramática: o reflexo cria perplexidades e angústias, enganos e desfigurações, multiplicação física de sentimentos. Até mesmo para o aprofundamento do erotismo de que toda a fita está impregnada. Um erotismo sem vulgaridade, de sutilezas e transparências.

A interpretação dos atores talvez choque, entretanto, os espectadores contemporâneos. Seus gestos aparentemente bruscos e carregados desnorreiam o público de hoje e talvez até lhe provoque hilaridade. Esse êxtase teatral, às vezes patético, às vezes solene, faz parte de uma época do cinema em todo o mundo, mas sobretudo da Alemanha, cuja tensão expressionista levava mais do que à ênfase, atingia ao paroxismo. Quando, em *O mostrador de sombras*, vemos Fritz Kortner, no papel do marido, surgir, num grande plano, com um rosto enorme de traços contorcidos que o assemelham à máscara de um demônio africano, ou rodopiar desconexamente diante dos espelhos, a intenção de Arthur Robison foi mesmo a de buscar um sentido de abstração absoluta, que só êsse exágêro daria. A deformação expressionista dos gestos corresponde à deformação dos sentimentos.

A coincidência entre o tempo da estória e o tempo da projeção, sua direção puramente psicológica, seu perfeito exemplo de unidade de ambiência fílmica (quebrada apenas por uma cena no jardim quase desnecessária), a continuidade do tema, a passagem harmônica de uma sequência para outra, sua atmosfera romântica, fantástica e trágica, fizeram de *O mostrador de sombras* aquela obra de que nos fala entusiasticamente Paul Rotha (*The film till now*).

Walter da Silveira

Acervo Digital

Walter da Silveira

UMA PROGRAMAÇÃO
DO CINEMA UNIVERSITÁRIO